



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS E A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS POSITIVAS NAS REDES SOCIAIS

Maria Aparecida das Chagas Furtado ¹
Iraicsa Unias Silva ²
Francisca Amanda do Nascimento Silva ³
Maria Telvira da Conceição ⁴

RESUMO

A identidade negra é um fator importante a ser debatido na sociedade brasileira, dada a complexidade da sua construção, historicamente marcado pelo racismo sistêmico, onde pessoas negras não são vistas de acordo com suas individualidades, tendo a mulher negra como sujeito principal e a problematização do seu lugar social no conjunto das interseccionalidades. A presente comunicação é parte de um projeto coletivo de pesquisa e formação, cujo objetivo visa analisar os discursos sobre mulheres negras nas redes sociais em relação ao padrão de beleza imposto pela sociedade, articulando os debates acadêmicos sobre a produção de racismo nas mídias sociais, com o intuito de compreender a importância da representação positiva das mulheres negras e discutir o impacto das imagens e narrativas negativas sobre elas e a sociedade como um todo. O embasamento teórico do estudo dialoga com autores que tratam da problemática racial e feminista no Brasil e nos Estados Unidos, com especial enfoque as mídias sociais, entre esses autores, Pacheco (2008), Gonzalez (1979), Davis (2018), Quadrado (2016), Araújo (2000) e Bento (2022). Os procedimentos metodológicos do trabalho incluem uma pesquisa bibliográfica e análise de materiais produzidos pelas mídias sociais. Com esse estudo pretendemos mostrar a importância de mulheres negras e a construção de imagens positivas nas redes sociais. É um tema de extrema relevância na sociedade contemporânea, para desmistificar os estereótipos que perpetuam até hoje, trazendo luz para esse debate essencial para o incentivo dessas mulheres e conscientização de toda a comunidade

Palavras-chave: Representatividade; Mulher negra; Redes sociais; Imagens positivas; Racismo.

INTRODUÇÃO

A identidade negra é um processo ser construído todos os dias, pois o sistema tenta a todo momento nos massificar e ver pessoas negras apenas no sentido grupal, descartando

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Regional do Cariri - URCA, aparecida.chagas@urca.br;

² Graduanda pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade Regional do Cariri - URCA, iraicsa.unias@urca.br;

³ Graduanda pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade Regional do Cariri - URCA, silva.amanda@urca.br;

⁴ Professor orientador: Professora do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri - URCA. Pós-Doutora em História Social. Coordenadora do Núcleo de História e Cultura Afroindígena e Africana (NIAFRO) da URCA, telvira.conceicao@urca.br.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

totalmente as suas individualidades. Dentro destas perspectivas existem marcadores sociais que acentuam as desigualdades e apagamento da identidade. A raça (no sentido social de sua formação), etnia, gênero, religião, sexualidade, classe social, cultura, entre outros. Isso tudo faz parte de um sistema de dominação que viabiliza sempre elencar privilégios de acordo com a cor da pele, sendo assim os brancos privilegiados e os pretos na base da sociedade, recebendo os piores empregos e salários, isso quando conseguem empregar-se. Tudo isso faz parte do pacto da branquitude firmado pela classe dominante, majoritariamente masculina e branca, para se manter sempre em evidência, a fim de disciplinar os corpos de pessoas negras, ferindo sua integridade física, psíquica e moral, fazendo com que o sentimento de ódio tome a frente, para que não tenham forças o suficiente para enfrentar o racismo.

Segundo Bento (2022, p.15) “Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal”.” Ou seja, estes corpos são domados para que não se rebelem e afetando diretamente sua autoestima para que não se sintam capazes de ocupar espaços que não são seus, segundo a sociedade. O corpo negro que não se disciplina é rebelde e quando a insurreição acontece, há grandes abalos e impactos na história. Para que negros não ocupem espaços institucionais em grandes cargos ou de “lugares de luxo”, estabeleceram normas de padrão de beleza e vestimenta tais como está “bem vestida, apresentável, considerada confiável”, isso quer dizer que nosso cabelo, nossa cor, nossas roupas, nosso espaço social, não são bem-vindos nestes espaços, mesmo que dito por entrelinhas.

Pensando na formação dos estudantes de história sobre a temática étnico-racial e também na autoestima das estudantes negras, elaboramos um minicurso para a XXII Semana de História da Universidade Regional do Cariri – Urca no ano de 2023, que tinha como tema geral, História e Resistência. A temática da nossa abordagem se destrinchou sobre a representatividade positiva de mulheres negras nas redes sociais, que nos chamou atenção devido ao número alto de racismo⁵ seguido de cancelamento⁶ e exclusão⁷ sofrido por essas mulheres que produzem conteúdo para a internet e mídia em geral. Todos os aspectos negativos firmados na memória coletiva da sociedade, afetam ainda mais as mulheres negras, pois elas se tornam alvos de racismo, machismo e desigualdade social, e quando também

⁵ O cancelamento de Thelma Assis no BBB 20, após ter ganhado a premiação recebeu muitos comentários negativos nas redes sociais desmerecendo sua vitória;

⁶Jojo Toddynho sempre foi alvo de ataques por conta do seu peso e sua cor e após o fim do seu casamento isso se intensificou muito mais;

⁷ A cantora Ludmilla sofre constantes ataques racistas dos fãs de outros artistas considerados “rivals”..



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

sofrem por conta da sexualidade ou identidade de gênero. Visando à mulher negra como sujeito histórico de extrema importância para a sociedade brasileira e todos os entrelaçamentos que a envolve, buscamos analisar as representações que a sociedade designou a essas mulheres, buscando acabar com estereótipos e preconceitos que foram construídos ao longo da história e arquitetando novos sentidos positivos para as representações e criando novas ideias.

A importância da representatividade de mulheres negras nas redes sociais deve ser trazida a debate, há poucas pesquisas voltadas à essa temática, e deve ser um tema sempre presente e estimulado, pois por muito tempo foi silenciado. Ao fazer uma apuração destas bibliografias no Repositório de Teses e dissertações da CAPES⁸ utilizando os seguintes termos “representatividade de mulheres negras” há um total de 115 trabalhos, sendo apenas 4 na área da história, estima-se um total de Discutir representatividade negra envolve a problemática racial no Brasil, padrão de beleza apresentado pela sociedade, racismo nas mídias sociais, as narrativas negativas sobre as mulheres negras, entre outros. Por tanto, se faz evidente entender e evidenciar a presença das mulheres negras como sujeitos principais nesse debate e como essa discussão abre portas para a identidade negra e seu reconhecimento na sociedade.

A elaboração do minicurso tinha por objetivo: analisar discursos sobre mulheres negras nas redes sociais em relação ao padrão estabelecido; situar debates acadêmicos sobre a produção de racismo nas mídias sociais; compreender a importância da representação positiva das mulheres negras nas redes sociais; discutir o impacto das imagens e narrativas negativas sobre as mulheres negras e a sociedade como um todo. A metodologia utilizada para pesquisa e desenvolvimento foi uma aula expositiva dialogada com auxílio de material didático junto com a apresentação das fontes pesquisadas nas redes sociais. As discussões giraram em torno das autoras utilizadas e as fontes, surgindo debates sobre autoestima e explanação de experiências. Para essa discussão, temos como aporte teórico e bibliográfico Pacheco (2008); Gonzalez (1979), (2020); Davis (2018); Quadrado (2016), Araújo (2000) e Bento (2022).

Por fim o debate sobre a marginalização da mulher negra se tornou essencial e precisa cada vez mais de espaço, para que esses paradigmas sejam rompidos e que mulheres negras sejam reconhecidas por sua grandeza e capacidade de contribuir para o desenvolvimento saudável da sociedade que se encontra a muito tempo adoecida. A luta contra o racismo deve ser levada para todos os âmbitos, principalmente o escolar no qual jovens negros devem ter

⁸Endereço eletrônico: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

referências e as representatividades positivas que tanto importam para o crescimento destes indivíduos.

METODOLOGIA

A implementação da proposta do minicurso foi pensada como forma de trazer à tona um debate pouco estabelecido na Universidade Regional do Cariri - URCA em questão de espaços que dêem exclusividade neste debate, tanto dentro, como fora do curso de História, para isso pensamos em seguir um trajeto para que todos compreendessem, independentemente da sua área. A metodologia utilizada foi a aula expositiva dialogada, com auxílio de material didático sobre o assunto, pesquisa das fontes nas redes sociais, como Instagram e Twitter e também um debate junto com os participantes sobre o material apurado e também foi reproduzido um trecho do documentário “As Divas Negras do Cinema Brasileiro” de 1989.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para pensar e dialogar juntos conosco, utilizamos algumas autoras que falam sobre a temática da mulher negra, racismo e mídia.

Utilizando o conceito de mulher negra, a doutora em ciências sociais Ana Cláudia Lemos Pacheco, desenvolve sua pesquisa na discussão sobre a solidão da mulher negra no estado da Bahia, que seria a falta de parceiros fixos, que preferem não ter relacionamentos duradouros com essas mulheres, vistas apenas como diversões sexuais momentâneas, diferentemente da mulher branca que é considerada aceitável para apresentar os pais e a sociedade, se tornando adequada para casar-se.

A mulher negra e mestiça estariam fora do “mercado afetivo” e naturalizada no “mercado do sexo”, da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e “escravizado”; em contraposição, as mulheres brancas seriam, nessas elaborações, pertencentes “à cultura do afetivo”, do casamento, da união estável. (PACHECO, 2008, p. 13)

Ela também ressalta importância da escolha da mulher como objeto de pesquisa, na qual a partir do crescimento dos movimentos feministas, na qual eram discursos “branco,



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

classe média e heterossexual” na qual excluía boa parte das mulheres e não visava contar outras histórias e realidades, estes feminismos excludentes falavam de uma experiência universal para todas as mulheres. Assim as perspectivas destes grupos vinham ganhando voz e destaque a fim de quebrar com esse modelo único.

Lélia Gonzalez foi expoente nos assuntos sobre mulheres negras dentro das interseccionalidades, termo este que nunca foi usado por ela, mas ao explorar os vários aspectos que circundam esses indivíduos e ligam-se com o intuito de oprimir, trouxe análises únicas e pioneiras para a escrita da história e lugar social dessas mulheres. Em uma análise mais aprofundada da sociedade brasileira, ela explana três noções de como a mulher negra é vista e representada, mulata, doméstica e mãe preta. Mulata é aqui não é mais um apelido para negras filhas de pais brancos com negros, mas é uma questão profissional, pois ela se torna produto de exportação.

O termo “mulata” implica a forma mais sofisticada de reificação: ela é nomeada “produto de exportação”, ou seja, objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais. Temos aqui a enganosa oferta de um pseudomercado de trabalho que funciona como um funil e que, em última instância, determina um alto grau de alienação. Esse tipo de exploração sexual da mulher negra se articula a todo um processo de distorção, folclorização e comercialização da cultura negra brasileira. (GONZALEZ, 2020, p. 36-37)

A doméstica é denominada o lugar natural de mulheres negras, é importante frisar que a mulher negra retinta e periférica é o principal alvo destas denominações, elas ocupam em maior parte do tempo, profissões de subserviência para conseguir manter a sobrevivência dos seus filhos que dependem muitas vezes somente dela. A autora pauta que a profissão de doméstica se assemelha muito a mucama, que era a escravizada que cuidava da casa grande e dos filhos dos fazendeiros brancos e está do lado oposto da profissão de mulata.

Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. (GONZALEZ, 2020, p. 73)

A qualificação de mãe preta trás os aspectos destes dois modelos profissionais, pois ela como cuidadora dos filhos dos senhores, na qual principalmente durante a infância alimentou o imaginário destas crianças, todas as histórias sobre seu povo, a fala, o primeiro



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

passo, a educação, entre vários outros fatores. Mesmo tendo os seus próprios filhos, ela foi obrigada a abdicar para cuidar dos filhos das famílias brancas. Na qual estes mesmos indivíduos criados por mulheres negras e cresciam junto com elas acabavam adquirindo desejos reprimidos sobre elas.

Segundo Joel Zito Araújo, a “ação politicamente correta de publicitários e empresários não ultrapassou os marcos de uma sub-representação do personagem negro, que, em média, aparecia cinco vezes menos que os modelos brancos nas propagandas” (Araújo, 2000, p. 89). Trazendo esse contexto, trazemos a representação racial da democracia brasileira, e o conceito de mídia na sociedade brasileira fazendo ligações entre raça e mídia, contextualizando com a história das mulheres negras nas mídias sociais, e dialogando com Sodré (2015), Araújo (2000) e Garcia (2005), ambos pesquisam sobre a problemática da moda ao corpo e suas consequências na sociedade. Falar sobre racismo é complexo e amplo, mas a psicóloga Cida Bento traz uma abordagem inteligente e dinâmica sobre o assunto. Ela utiliza-se do termo branquitude que define o lugar de privilégio da parcela branca da sociedade que visa manter-se neste lugar de oportunidades sem dar espaço para que pessoas negras também tenham a possibilidade de estar no mesmo patamar. Utiliza-se também do pacto narcísico que seria um acordo firmado por pessoas brancas a fim de manterem relações raciais desiguais para permanecer no seu lugar de regalia.

Os pactos narcísicos exigem a cumplicidade silenciosa do conjunto dos membros do grupo racial dominante e que sejam apagados e esquecidos os atos anti-humanitários que seus antepassados praticaram. Devem reconstruir a história positivamente e assim usufruir da herança, aumentar os ativos dela e transmiti-los para as próximas gerações. (BENTO, 2022, p. 77)

Todo o passado cruel feito pelas gerações anteriores é constantemente encoberta e até “reescrita” e com isso o sofrimento daqueles que foram oprimidos também, fazendo com que a dor destas pessoas seja invalidada e contestada a todo momento, sendo classificado como “mimimi” e vitimização. Mas na verdade, como salienta a autora, quem constantemente se vitimiza são pessoas brancas com medo de perder seus privilégios. “A “vitimização” da branquitude e as diferentes manifestações dos grupos brancos que se sentem ameaçados e perdendo o que entendem ser “seus direitos”.” (BENTO, 2022, p. 38). Pessoas negras devem ocupar todos os espaços de direito, reconquistar o tempo que lhe foi tirado durante os séculos de escravidão e também ainda tentam nos dias atuais, a luta é constante e árdua.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram debatidos no minicurso, conceitos teóricos e práticos com a utilização dos dados coletados nas redes sociais. Esses dados foram imagens tiradas de capturas de tela das redes sociais. Para apresentá-las no mini-curso, organizamos em tópicos em alguns slides que seriam usados durante os debates, juntamente com todo o contexto. O período da coleta aconteceu entre 6 e 10 de junho de 2023.

Abordamos inicialmente com mais atenção o contexto histórico da colonização do Brasil e escravização dos povos do continente africano que foram arrancados dos seus locais de origem. O racismo nasce, a partir do momento que os Europeus chegaram às colônias, entre os séculos XVI ao XIX mais de 11 milhões de povos africanos foram trazidos para as américas e o Brasil foi o país que mais recebeu escravizados, cerca de 4 milhões. Devemos ressaltar que estes são dados oficiais, mas como sabemos os números são muito maiores que estes. A origem da palavra “negro” foi uma designação dada afim de massificar os povos africanos, negando suas diferenças étnicas e culturais. Ao chegarem nesse “novo mundo” sentiam-se perdidos em uma terra estranha, na qual não sabiam como voltar para casa. Além de que ao serem misturados com pessoas de lugares diferentes, tinham dificuldade na comunicação e também existiam rivalidades de povos inimigos, crenças múltiplas entre variados fatores que contribuíram para o apagamento de suas características individuais e grupais. Inclusive, seus nomes foram tirados e batizados com nomes de origem católica e europeia. Apesar de tudo, grande parte nunca deixou de resistir, preservando sempre aspectos das suas origens.

No século XVII o mundo europeu vivia grandes revoluções e com isso muitas colônias se tornaram independentes e a escravidão imediatamente abolida, por exceção dos Estados Unidos e Brasil. A escravidão pós independente seria estritamente ligada ao capitalismo, o império brasileiro em conjunto com o parlamento tinha propostas de abolir a escravidão apenas no final do século, por motivos de prorrogar o fim desta exploração e por medo de Guerra Civil entre escravistas e abolicionistas. A grande influência foi a Inglaterra que já se encontrava no auge do capitalismo e por fim financeiros viam que escravidão já não era lucrativo. Outros motivos para que esse sistema entrasse em crise era que teriam que pagar impostos altos para manter a escravidão, o fim do tráfico negreiro, a reposição da mão de obra vai se tornando inviável e devido as condições pouco favoráveis o escravizado poderia morrer



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

facilmente. Para dar a falsa sensação de liberdade, foram criadas leis que visavam por fim de forma gradual, dentre elas estão a Lei do Ventre Livre (1871) e Lei do Sexagenário (1885).

‘ A condição da mulher negra escravizada foi violenta e degradante, mas apesar de toda essa imposição de desumanidade, ela resistiu e foi o pilar da sociedade brasileira, que ainda hoje se reflete na maioria das mulheres negras brasileiras. Tentam apagar suas existências e vivências, anulando-as de oportunidades para melhores condições de vida.

Durante o minicurso foi exibido o documentário “As Divas Negras do Cinema Brasileiro” de 1989, nele há a participação de várias atrizes negras de destaque da época, falam suas trajetórias e desafios racistas que encontram nas suas carreiras, dentre elas estão, Lélia Garcia, Zezé Mota e Ruth de Souza. Além de tudo a participação da intelectual Lélia Gonzalez em entrevista a Mali Garcia que aborda com maestria a condição da mulher negra na indústria cinematográfica brasileira, em como é difícil chegar em um lugar de destaque. Em um dado momento falou da atuação de Zezé Mota em Xica da Silva em 1976, na qual a atriz foi “cancelada” pelo movimento negro, por ter aceitado um papel tão estereotipado, isso coloca em conta o quanto a mulher negra é culpabilizada por ações que não são suas. Ao analisar o contexto, percebemos que a culpa era somente da direção e ela por ser uma mulher negra viu ali uma oportunidade para se ter um papel de destaque, na qual sabemos, são constantemente negados. Após seu sucesso no filme, ela foi jogada ao ostracismo, recebendo apenas papéis secundários e pouco relevantes, além de que passou a ser considerada feia pelo público.

Segundo a análise de Lélia, homens negros do próprio movimento reproduzem práticas machistas e patriarcais contra suas companheiras de trabalho que já lutam constantemente pelo seu espaço e visibilidade. A intelectual ainda ressalta na sua fala que “Para a mulher negra o lugar que lhe é reservado é sempre o lugar menor, o lugar da marginalização, é o lugar de menor salário, do desrespeito e da sua capacidade profissional”.

Ao adentrar no contexto de mulheres negras influentes, também ressaltamos aquelas que estão em destaque nos dias atuais, tanto na cinematografia, como nas redes sociais, na música, entre outros campos, exemplos como Taís Araújo, Jojo Marontinni, Iza e Ludmilla. Ainda foi mostrado os constantes ataques racistas nas redes sobre essas e muitas outras mulheres. Achemos melhor utilizar o Instagram como rede social de base para nossas análises, pois, é uma das redes sociais mais utilizadas e que consegue ter uma influência na sociedade através dos conteúdos de vários blogueiros e influenciadores. Como já citamos acima, pegamos grandes nomes na mídia brasileira para exemplificar os ataques que mulheres



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

negras sofrem durante sua trajetória na mídia brasileira, tanto nas redes sociais como nas telenovelas como é o caso de Taís Araújo que começou sua carreira nas telenovelas e é uma grande representatividade para a nova geração de atrizes.

Após toda essa explanação ressaltamos a importância da representatividade positiva afim de acabar com todos os estereótipos e preconceitos, visando a formação principalmente das crianças e adolescentes, tanto negros como não negros, pois é a partir da base educacional desses indivíduos, uma nova sociedade poderá surgir mais consciente. Mas por que para este público? A maioria do público presente no minicurso, fazia parte de licenciaturas e visando o crescimento pessoal e profissional destas pessoas, foi colocado a formação étnico-racial como um dos pontos cruciais na luta antirracista, machista e desigual socialmente.

Os participantes, em suma maioria mulheres, contaram experiências vividas por elas em relação a identidade, relacionamentos, reconhecimento da beleza das suas características físicas, sua importância no meio acadêmico e o seu lugar social tanto na internet como na Universidade. Contaram também suas experiências com o racismo dentro de casa, em como é difícil assumir suas características, sexualidade e religião dentro de famílias construídas muitas vezes com aspectos opressores as quais reproduzem para seus descendentes, dentre elas a Maria Natalha, concordou em nos falar um pouco sobre sua relação com as redes sociais e sua identidade, compartilhou que tenta sempre dar exemplo para as outras meninas que lhe seguem exaltando sua beleza e inteligência, diz também que compartilha sempre o trabalho de outras pessoas pretas que merecem serem lembradas. A autoestima e a autoconfiança são destruídas pelo sistema que persiste em nos colocar no menor lugar. Por fim, tornou-se um lugar reconfortante, um lugar terapêutico para essas meninas que compartilharam de suas dores e vivências, mas também de aprendizado para as pessoas que buscam sempre se letrar racialmente.

Para a construção da identidade da nova geração de crianças e jovens negros é necessário o auxílio da apresentação incansável de imagens positivas, para que eles se enxerguem em lugares e espaços que são seus e devem ser ocupados por pessoas negras, indo contra toda e qualquer imposição negativa da classe dominante para estes corpos. Na sociedade brasileira e em outras mais, as representações foram construídas a partir do modelo eurocêntrico, que produziu sentidos de que o que foge disso não é “normal”. Além da ausência de modelos de representatividade negra positiva e a perpetuação do padrão de beleza branco, a pauta é escassa dentro do ambiente escolar e os docentes não têm uma formação



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

adequada para lidar sobre a pauta étnico-racial, o que leva a repetição de práticas ofensivas e racistas dentro de sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A marginalização histórica das mulheres negras na mídia remonta a séculos de desigualdade e discriminação racial. Ao longo da história, as mulheres negras foram sistematicamente excluídas e estereotipadas, contribuindo para a perpetuação de estereótipos negativos. Com isso, devemos sempre abordar questionamentos voltados para a temática da representatividade e como as redes sociais podem ser, aliados para a comunidade negra no intuito de desmistificar esses estereotípicos.

Importante discutir sobre representatividade negra para que seja construída e desenvolvido na nossa sociedade que há sim presença de mulheres negras em todos os setores e que esse espaço vem sendo constituído apesar de vivermos em uma sociedade racista. Segundo Silvio Almeida, atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, não há como falar em educação sem falar na luta contra o racismo. Nisso, situar o debate nas instituições de ensino é primordial.

REFERÊNCIAS

QUADRADO, Beatriz Floôr. (2016) **“Era meu sonho ser Miss Mulata”: a representação da mulher negra e mulata em um concurso de beleza 1969-1999** (Arroio Grande, RS). 2016, 123f. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós- Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **“Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”**: Escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Campinas, São Paulo, 2008. Disponível em: < <https://cdn.revistaforum.com.br/wp-content/uploads/2015/09/PachecoAnaClaudiaLemos.pdf> >. Acesso em: 14 jun. 2022.

GONZALEZ, Lélia. **O Papel da Mulher Negra na Sociedade Brasileira – Uma abordagem político-econômica**. Los Angeles, 1979, p.1-25.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. São Paulo: Editora Letras Negras, 2020.

ARAÚJO, Joel Zito. *A Negação do Brasil*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante* São Paulo: Boitempo, 2018.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

REFERÊNCIAS CINEMATOGRÁFICAS

BIRBECK, Vick. **As Divas Negras do Cinema Brasileiro (Documentário)**. Brasil, 1989, 57 min. Disponível em: < <https://cultne.tv/temas/4/documentarios/video/162/divas-negras-no-cinema-brasileiro> >. Acesso em: 06 Jun. 2023.